

EGLÊ MALHEIROS E O CÍRCULO DE ARTE MODERNA

*Joseane Zimmermann**

Ansiedade
É a obra que antecede o pintor.
Imagem a angústia
De um quadro
Que fica à espera
Do nascimento
Do seu autor.

Lara Janning

Em 1948, alguns jovens, entre eles Eglê Malheiros, criaram em Florianópolis a Revista SUL, produção literária do Círculo de Arte Moderna - movimento de tendência Modernista das décadas de 40 e 50 em Santa Catarina.

De maneira geral, os modernistas se reuniam em torno do desejo de expressão livre e tendência para transmitir a emoção pessoal e a realidade do país. São esses desejos aliados a uma função social que unem alguns jovens em Florianópolis, em 1946. Apesar de tardiamente, quando muito do movimento modernista já havia sido repensado, criam o C.A.M - Círculo de Arte Moderna.

Nesse momento, em Santa Catarina, a "Academia Catarinense de Letras", fundada em 1922 por Altino Flores, Barreiros Filho, Henrique Fontes, entre outros, ditava os padrões literários. "O parnasianismo extemporâneo e as descrições de pôr-do-sol estavam ainda em moda e para muitos significavam toda a literatura (...). Brigavam os acadêmicos entre si. Havia os que não toleravam que escapasse, numa poesia, uma silepse afoita, um pleonasmo discutível, ou um galicismo por naturalizar-se".¹

Enquanto o Brasil vivia um clima de renovação artístico-literária desde a Semana de Arte Moderna², em Santa Catarina, por volta de 1946, o ambiente literário e artístico era, segundo Osvaldo Ferreira de Melo Filho, dos mais desanimadores.

"Uma frieza mortificante pairava na atmosfera intelectual. Na música, apenas três pequenas orquestras lutavam em Florianópolis, Blumenau e Joinville para a divulgação de obras românticas. Na pintura, meia dúzia de ultra-acadêmicos (...), eram a nota alta do contemporanismo. Teatro não existia. Há vinte anos atrás, Mâncio Costa, Álvaro Ramos e outros haviam obtido êxito com revistas musicais. Delas ainda se falava (...). Na literatura, salvo sempre uma que outra honrosa exceção, pouca coisa melhor. Os jornalistas raramente iam além dos comentários político-partidários. Publicavam-se versos alguns bonitos, bem metrificadas, mas numa técnica desgastada que se prendia a fins do século anterior. Mantinham alguma atividade o Instituto Histórico e Geográfico e o Centro de Intercâmbio Cultural, órgão de estudantes secundaristas".³

1- MELO FILHO, Osvaldo Ferreira de. Introdução à história da literatura catarinense. Faculdade de filosofia, Fpolis, Publicações do Centro de Estudos Filológicos (IV), 1958. p. 126.

2- JUNKES, Lauro. Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul. Florianópolis, Editora da UFSC/Lunardelli, 1982. p.16.

3- MELO FILHO. Op.cit., p.126.

É nesse ambiente, que alguns jovens unidos pelas mesmas inquietações e desejos criam o C.A.M. Suas primeiras manifestações se dão no jornalzinho Folha da Juventude, publicado em dezembro de 1946. Paralelamente ao Folha da Juventude, foram editados quatro números de um boletim chamado Cicuta: o "Boletim Oficial dos quatro justos". Em suas quatro páginas eram publicados contos, poemas e comentários assinados por Salim Miguel, Aldo J. Sagaz, Antônio Paladino e Cláudio Bousfield Vieira. Logo em seguida à publicação dos artigos, organizaram o teatro experimental do Círculo de Arte Moderna - TECAM, que "veio sacudir o gosto do público e o espírito tradicionalista burguês".⁴ Com o lucro obtido após as primeiras apresentações, editaram a Revista SUL, em janeiro de 1948.

Na primeira edição da Revista SUL, Aníbal Nunes Pires, que era então o diretor, ao apresentá-la define algumas características que deveriam orientar os trabalhos do grupo:

"A SUL (do Círculo de Arte Moderna) que hoje apresentamos, em Florianópolis, se propõe, na medida das coisas possíveis, revelar os valores novos e acompanhar as idéias do mundo atual no campo da filosofia, da ciência, da cultura e, principalmente, no campo das letras e das artes. Por questão de princípios, a SUL não cogita, terminantemente, de questões político/partidárias e de religião".⁵

4. JUNKES. Op cit., p.30.

5. PIRES, Aníbal Nunes. Editorial da Revista Sul, n° 1, jan/48. p.1.

Em 1949, fundaram o "Clube de Cinema do CAM". Organizaram sessões e promoveram debates em torno de filmes. E, em 1958, exibiram "O Preço da Ilusão", filmado em Florianópolis; tendo como roteiristas Eglê Malheiros e Salim Miguel. O roteiro traz duas histórias paralelas: Maninho, um menino de oito anos que trabalha para sustentar a família e sonha em ter um boi-de-mamão; e , Maria da Graça, funcionária de um escritório no centro da cidade que sonha em melhorar de vida ganhando o concurso para "Rainha do Verão". Como pano de fundo para as histórias, "a tomada de aspectos paisagísticos da cidade menina-moça, cenas folclóricas, sublinhadas pelas canções folclóricas recolhidas no 'way' brasileiro por Oswaldo Melo Filho".⁶ "O Preço da Ilusão" marcaria um novo passo para o turismo em Florianópolis, além de divulgar tradições e folgedos populares por todo o Brasil e em toda a América do Sul por onde o filme seria exibido.⁷

Foram responsáveis pela divulgação de uma nova concepção de artes plásticas, em Florianópolis. Não só através da SUL, mas organizando exposições e conferências e contribuindo para a criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em 1949.

6. "Florianópolis e o cinema" In: Diário da Tarde, 13/05/57. p.02

7. "Adelcio da Costa fala de 'O Preço da Ilusão'". In: O Estado, Suplemento Dominical, 20/07/58, p.05

Em dezembro de 1957, com a publicação da SUL nº 30, o grupo encerra suas atividades. Um "mofo acadêmico" estava se infiltrando em suas páginas. "Porque já não nos atacam, nós também nos acomodamos, não discutimos, nem criticamos".⁸

Única integrante feminina do grupo Sul, Eglê Malheiros participou desde a fase inicial de Folha da Juventude. Fez teatro, cinema e literatura - escrevendo contos, crítica literária e principalmente poemas. Muitos de seus poemas publicados na Revista SUL, foram reunidos no volume Manhã, título de "Cadernos SUL", publicado em 1952.

Eglê Malheiros revela em seus textos uma preocupação constante com certos temas sociais, a condição da mulher na sociedade e a arte de sua época. Defendia a idéia de que todo o artista deve ser comprometido em relação à sua época. "Ninguém pode viver afastado do seu meio e do seu tempo, pode sim, deixar de contribuir para o melhoramento do seu meio e para o avanço de seu tempo, veremos então no não participante um adepto do atraso e do obscurantismo. Mas outra é, e sempre foi, no decorrer da história a atitude do verdadeiro poeta".⁹ Sua "consciência feminista" está presente nas diversas críticas que escreve. Procurava ler,

8- MALHEIROS, Eglê. "Editorial". In: Sul, nº 29, junho/57. p.1.

9- MALHEIROS, Eglê. "Um nome tão simples". In: SUL, n. 16, jun/52. p.5.

analisar e divulgar livros escritos por mulheres quando o modelo de literatura feminina era de "poeminhas muito maciozinhos, de anjinhos, não sei o quê (...). O que era escrito diferente era rejeitado"¹⁰. Suas críticas tentam afastar os preconceitos de que mulher é só para "escrevinhadeira" e nunca para escritora. Seus poemas de luta, de participação, revelam um desejo de tornar a vida melhor:

"Que meu canto seja áspero e cruel,
Verdadeiro e leal,
Que ele seja gemido sublimado
E ódio construtor
Que ele espelhe a história ciclópica
De um povo em luta
De um povo em marcha
É o meu desejo enfim".¹¹

Que mundo era esse, onde a solidariedade do poeta com o homem "tragado pela cidade" faz da arte uma luta por dias melhores?

"...todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos pela sua sociedade e seu tempo e é destes que eles falam".¹²

Se é a partir dessa fala comprometida com seu meio, que se pretende identificar a realidade social, a primeira tarefa é a de perguntar sobre seus

10- Entrevista realizada com Eglê Malheiros em 19/10/93.

11- MALHEIROS, Eglê. "Assim será meu canto". In: Manhã, Cadernos Sul II, Fpolis, Edições Sul, 1952, p. 4.

12- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo; Brasiliense, 1983. p. 20.

autores. Suas falas como as datas, são "pontas de icebergs". Pontos de luz em torno dos quais podemos vislumbrar outros discursos. Pois, o "texto só se constrói a partir de um campo complexo de discursos, sua unidade é variável e relativa, está preso a um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede".¹³

Considerando que toda obra depende do artista e das condições sociais onde está mergulhado, uma das tarefas para o historiador é compreender e explicar seu mundo sociocultural. Para isso, será necessário seguir rastros que podem nos levar à posição social da autora, à forma e ao conteúdo do texto e ao modo de fazê-lo e transmiti-lo.

Entre a criação artística e a realidade se estabelece a consciência de uma relação arbitrária e "deformante", mesmo quando o artista se propõe a observá-la e transpô-la rigorosamente. É tal quinhão de fantasia, "que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva".¹⁴ Além da fantasia, uma obra é construída a partir de uma determinada visão, de "classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social".¹⁵ De maneira diferente, em cada

13- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p.26.

14- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 5ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976. p.192.

15- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand/DIFEL, 1990, p.17.

tempo e lugar. Assim, não basta compará-la com a realidade exterior para compreendê-la. Para este tipo de análise, torna-se necessário o estudo de R. Chartier sobre a história cultural, "que tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler".¹⁶

A obra de Eglê Malheiros nos remete a outros textos, livros frases, constituindo nós de relação. Devemos então, como considera Foucault, tratar de uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral. Tal espaço nos deixa livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações. Teremos aí, uma "descrição dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam".¹⁷ Os enunciados existentes em vários discursos, deverão formar tais unidades. Surgidos "de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não deixaria de ser participante ativo do diálogo social".¹⁸

O Grupo Sul aparece na história da literatura catarinense como um importante movimento que veio sacudir o ambiente literário. Uma análise

16. CHARTIER. Op. cit., pp.16 e 17.

17- FOUCAULT. Op. cit., p.30.

histórica sobre a obra de Eglê Malheiros, nos leva a percorrer este ambiente, seguindo rastros e nós de relação a fim de perceber como a realidade social em determinado momento e lugar foi construída.